

POR UMA FORMAÇÃO DE LEITORES MAIS POÉTICA – UM EDUCAR POÉTICO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

FOR A MORE POETICAL LEARNING TRAINING - A POETIC EDUCATION IN INFANT-YOUTH LITERATURE

Antônio Máximo Gomes Ferraz¹

Adriely Cristina Duarte da Silva²

Diogo Raimundo Rodrigues Santos³

Resumo: Este artigo pretende, a partir do diálogo com obras literárias infantojuvenis, apresentar uma proposta pedagógica de leitura que esteja para além do que somente uma aquisição de habilidades técnicas e de conteúdo, uma formação de leitores com menos signos e mais significado, mais poética e holística e menos pragmática e fragmentada. Desta feita, pretendemos sugerir uma concepção ontológica de construção do sujeito leitor, que leve o indivíduo a refletir sobre as questões que a obra literária pode suscitar. A ideia é discutir sobre a relevância que o educar poético precisa ter na teoria literária e na formação de leitores.

Palavras-chave: Literatura Infanto-juvenil. Formação de leitores. Educar Poético.

Abstract: This paper aims to, in a dialogue with children and adolescent's literature, to presents a reading pedagogical proposal that is beyond an acquisition of techniques and content abilities, a reader formation with less signs and more meaning, more poetic and holistic, less pragmatic and less fragmented. This way, we intend to suggest a reader's ontological conception that makes the individual to reflect about the issues that the literary work may evoke. The idea is to discuss about the importance that the poetic educator needs to have in the literay theory and in the reader formation.

Keywords: Children's and adolescent's Literature. Reader Formation. Poetic Education.

Introdução

É relevante formar leitores na perspectiva da arte poética? Esta é a provocação que este ensaio pretender fazer. Em uma era do predomínio da técnica sobre o refletir, do pragmatismo sobre o poético, almejamos dialogar sobre a importância de uma formação de

¹ Doutor em Teoria Literária, Professor Adjunto, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenador do Núcleo Interdisciplinar Kairós (NIK) E-mail: profmaximoferraz@gmail.com

² Mestranda em Estudos Literários, Universidade Federal do Pará. Especialista em Educação de Jovens e Adultos (UFPA). Graduada em Pedagogia (UFPA). Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Kairós (NIK) vinculado ao Instituto de Letras e Comunicação. E-mail: adrielycristinaduarte@hotmail.com

³ Especialista em Educação de Jovens e Adultos. Graduado em Pedagogia, Universidade Federal do Pará. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Kairós (NIK) vinculado ao Instituto de Letras e Comunicação. E-mail: diogorod77@gmail.com

sujeitores leitores que sintam paixão e ardor pela leitura e, ao mesmo tempo, experimentem no coração um inquietante questionar que pulsa em direção à busca incessante pelo desvelar da verdade na obra literária. Discutiremos a formação de leitores a partir do contexto da literatura infanto-juvenil. Desta forma, pretendemos colaborar com um texto que se possibilite enquanto um instrumento a mais na discussão e no avanço dos estudos sobre literatura infanto-juvenil e formação do sujeito leitor.

Em sua obra *A Bolsa Amarela*, Lygia Bojunga (2005) narra a estória de Raquel, uma garota de 9 anos que tem por motivos de pressão e desconfiança familiar reprimir e esconder três grandes vontades em uma bolsa: a de ser menino, a de ser escritora e a de ser gente grande. A partir deste posicionamento da protagonista Raquel, e de muitos outros personagens e obras da literatura para o público infante e juvenil, é possível questionarmos: que questões importantes brotam, muitas vezes, no seio do aluno leitor? E como dialogar com nossos discentes para que estas questões venham à tona, sejam problematizadas e não fiquem escondidas em uma bolsa amarela? Sendo assim, questionamos e colocamos em pauta as possibilidades de uma formação de leitores poéticos.

Discutir a formação de leitores e literatura infanto-juvenil no atual contexto educacional é de grande relevância, pois segundo Magda Soares (2005) os renomados testes de avaliação de leitura no Brasil estão muito preocupados com a formação de um público leitor direcionado à uma perspectiva unilateral e limitada:

Os documentos que fundamentam o PISA⁴ e que apresentam e analisam seus resultados respondem claramente: seus objetivos voltam-se sobretudo para a avaliação de habilidades de leitura necessárias em situações da vida real – ler ‘para uso público’, ler ‘para a educação’ – e por isso os testes privilegiam a compreensão de texto informativo e as habilidades de utilizá-lo [...]. Dos resultados do PISA pode-se talvez afirmar que os jovens brasileiros lêem mal esse tipo de texto [...]. Mas dos resultados do PISA nada se pode concluir sobre as habilidades de leitura de outros tipos de texto, além do informativo. (SOARES, 2005, p. 32).

Mas, então, para que formar leitores? Para interpretar tecnicamente um texto na função referencial? Só isso e nada mais? Quem sabe talvez para decorar alguma informação relevante em provas tais como de um concurso público ou de um vestibular? Monstruosa, mas esta é a preocupação dos indicadores e testes nacionais de avaliação de leitura.

Apesar de nos últimos anos do século XX a noção da importância da literatura infantil na formação de pequenos leitores ter se fortalecido, integrando a pauta das políticas públicas de educação e cultura. (CADEMARTORI, 2010, p. 9), não basta terem políticas públicas que

⁴ Programa Internacional de Avaliação de estudantes.

promovam uma avalanche de livros nas escolas. Não satisfaz-nos termos inúmeros testes que avaliem as capacidades cognitivas de nossos infantes e jovens quanto à leitura técnica ou sintática. Mas é preciso parar com toda essa balbúrdia, com todo o barulho e agitação, e silenciosamente se deixar tomar pelo silêncio, se permitindo possuir pelo nada, para que possamos pensar algo originário para a formação de leitores brasileiros. Pois há muita diferença entre ler “um manual de instalação de um aparelho de som e o último livro de Saramago” (SOARES, 2005, p 31).

Então, dada a realidade vigente no cenário leitor brasileiro, nos questionamos: que leitores queremos formar? Ou melhor, que possibilidades almejamos desenhar? Nossa proposta neste ensaio é uma formação de leitor poético. Onde o sujeito que se dispõe a se tornar um leitor, nesta perspectiva, contribuir para essa formação e seja capaz de exprimir suas vontades para fora de uma *bolsa amarela* qualquer. Desejamos assinalar uma formação que dialogue com a vida, com o sagrado, com o ser e com o tempo. Que se articule ontologicamente com a angústia da vida e da morte e seja capaz de interpretar os fenômenos da existência ontologicamente, não se cansando de questionar sobre a verdade e o seu desvelar-velante.

Desta feita, a partir de uma concepção de Educação poética, vamos discutir formação de leitores e literatura infanto-juvenil em uma perspectiva ontológica nestes três sentidos: o angustiar-se, o interpretar e o questionar.

1 Leitores angustiados

Formar leitores que sejam capazes de se angustiar. Eis uma pretensão virtuosa! Neste aspecto, é preciso que tanto aquele que se pretende a ser formador quanto aquele que quer ser formado enquanto leitor poético tenham apreço e sentimento pela leitura. Pois, como afirma o Apóstolo São Paulo: “a letra mata, mas o Espírito vivifica” (II Coríntios 3: 6). Dizendo ainda o mesmo santo que “Ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento [...], mas não tiver amor, nada serei.” (I Coríntios 13:1-2).

Assim sendo, para esta prática é preciso haver alma, paixão e trabalho.

Em sua obra *O acontecer poético* - a história literária, Manuel Antônio de Castro descreve um outro aspecto do educar poético que é a ação: “A leitura poética não faz do homem, do leitor, do crítico mero expectador, mas exige dele um esforço, um exercício para

a apreensão da verdade” (CASTRO, 1982, p. 99). E não adianta procurar culpar a Deus, ou ao Diabo, pois Rosa já alerta “O diabo não há! É o que eu digo, se for... existe é homem humano.” (ROSA, 1994, p.875). Deste modo, é preciso haver a responsabilidade humana neste processo.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (1989) analisa a angústia como um fenômeno existencial essencialmente humano. E é possível amar a leitura ou o formar-se um leitor, mas acreditamos que a angústia ou o angustiar-se também faz parte deste processo. Tal qual a pequena Clarice, em *Felicidade Clandestina*, que se angustia e se submete à angústia, posto que só tem sua agonia acabada, quando tem um encontro com *As Reinações de Narizinho*, cremos que há aí a possibilidade de formar leitores angustiados.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia. Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. (LISPECTOR, 1998, p. 1).

Possuída pelo espírito melancólico e angustiado de Walter Benjamin, Susana Lages defende que “no ato de ler, o leitor destrói, devora a substância lida, como o fogo devora a lenha na lareira” (LAGES, 2007, p. 137). Desta feita, é possível compreender que o processo de formação do leitor, tanto naquele que forma (pois não conseguimos conceber que um formador de leitor não seja ele próprio um) quanto naquele que é formado, se dá de forma angustiante. É um processo de diálogo, assim como o fogo comunga com a lenha, e a lenha já não é a mesma depois da confabulação com o fogo. A própria lareira não será mais a mesma. Nesta dinâmica ocorre a angústia daquele que está em meio a uma travessia e não sabe onde a estrada o levará, como ilustra Heidegger (1998) em *Caminhos de floresta*:

Na floresta há caminhos que, o mais das vezes sinuosos, terminam perdendo-se, subitamente, no não-trilhado. Chamam-se caminhos de floresta. Cada um segue separado, mas na mesma floresta. Parece, muitas vezes, que um é igual ao outro. Porém, apenas parece ser assim. Lenhadores e guardas-florestais conhecem os caminhos. Sabem o que significa estar metido num caminho de floresta. (HEIDEGGER, 1998, p. 3).

Mas uma coisa é certa, (se é que existe alguma certeza a não ser a morte, como diria o poeta lusitano⁵) mesmo o mestre mais centrado e o discípulo mais rebelde não serão os mesmos se provarem da angústia no ato de ler. Pois, como afirma Ferraz (2014), “a angústia impulsiona o homem à transformação e à criatividade” (p. 109).

2 Leitores intérpretes

Na pós-modernidade reduzimos a arte da interpretação à subjetividade. Adotamos o antropocentrismo e O Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci como nossa medida e padrão para todas as coisas. Mas que tipo de leitores queremos formar? Apenas profissionais que sejam capazes de decodificar o que está escrito? Ou competentes para identificar o sujeito, os predicados e fazer uma análise sintática? Talvez sujeitos hábeis para escrever textos de trinta linhas para o ENEM⁶?

Harold Bloom (2001) também não nos convence sobre *Como e porque ler?*

Caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria. Como ler (se o faz de maneira proficiente ou não) e o que ler não dependerá, inteiramente, da vontade do leitor, mas o porquê da leitura deve ser a satisfação de interesses pessoais. (BLOOM, 2001, p. 17).

Neste sentido, defendemos uma formação de leitores intérpretes, e não apenas técnicos ou que leiam fundamentalmente para “satisfação de interesses pessoais”. Partimos de um diálogo com a “filosofia da vida”. Desta feita, ler, e interpretar (que é um dos desdobramentos do ato de ler), devem ir para além da decifração de signos e de responder as perguntas de uma prova, mas o leitor gerado em diálogo com o educar poético deve ser um intérprete da vida e de suas questões. O leitor poético se permite ser um espaço de manifestação/ocultação da verdade em confabulação com a leitura da obra literária.

Formar leitores intérpretes, não é nada mais que apelar ao homem que desvele sua essência, em seu cerne o ser humano é interpretação e está a toda hora exercendo esse seu apostolado.

Interpretar não é uma das atividades humanas em meio a outras. O homem é ontologicamente, interpretação, em todas as referências que estabelece com as coisas e consigo mesmo. A todo instante, acordado ou sonhando, falado ou calado – simplesmente sendo -, o homem interpreta. (FERRAZ, 2014, p. 112).

⁵ Fernando Pessoa.

⁶ Exame Nacional do Ensino Médio.

Deste modo, é preciso apontar ao homem que o caminho para uma interpretação genuína do texto ou da vida está em enxergar ontologicamente o interpretar como uma arte poética que dialoga com seu destino. Assim sendo, mesmo que a vida aparentemente nos apresente infortúnios, como a narrativa de Marisa Lajolo (2008) (do garoto Bilac que vive em meio ao tráfico de drogas e perde seu pai e queridos para as circunstâncias, como o nosso protagonista), se formos capazes de formar ou nos formar leitores que consigam interpretar a vida com significado e sentido, pois “toda leitura poética estabelecerá um significado e sentido” (CASTRO, 1982, p. 102), como Bilac, aprenderemos poeticamente a ler e interpretar a existência como o título da obra lajoliana sugere, como um *Destino em aberto*.

3 Leitores questionadores

O que significa questionar? Questionar vem do verbo latino *quaerere*: querer; procurar; desejar; indagar; pensar; examinar; perguntar (CASTRO, 2011, p.77). Retomando o texto de Bojunga, sobre a tão afamada Bolsa Amarela, porque Raquel esconde suas vontades na bolsa? Porque suas vontades são incômodas a quem as ouve. Talvez até escândalo! Como assim, uma menina questionando porque não é menino? Daria trabalho explicar, demandaria tempo, energia, e provavelmente ninguém conseguiria responder suas questões. Afinal de contas, eram questões de destino e com destino não se questiona. Será mesmo?

Se almejarmos formar leitores poéticos, precisamos acreditar que uma educação poética tem como fundante o questionar, não a passividade, mas a dinâmica, o movimento. A vida e a morte são um processo dançante. E é preciso saber o ritmo e os passos da dança do questionar. Em *Arte: o humano e o destino*, Manuel Antônio de Castro irá defender a bandeira de que o “questionar nos remete para o ato concreto e poético do perguntar. É na pergunta que o questionar como tal acontece” (CASTRO, 2011, p. 81). Em seguida, o autor afirma que pergunta e resposta fazem parte de um círculo poético. Desta feita, podemos observar que isso é fundamental para a formação do sujeito leitor poético, pois se temos um ser que pergunta e questiona o seu ser, vemos aí possibilidades de construção, enxergamos abertura para um homem mais humano, porque “só o ser humano pergunta” (CASTRO, 2011, p. 82).

Quando o sujeito lê, se questiona e encontra respostas para as suas questões, se ele o faz dentro de uma perspectiva poética, sua reflexão pensará a leitura como exercício crítico em uma dinâmica de “concluir-abrir” o círculo de compreensão do ato de ler. Aquelas questões da obra literária enriquecerão não somente seu intelecto, mas seu espírito. Este leitor

dialogará com o real na obra literária e o transfigurará para a realidade, como Jesus no episódio da transfiguração⁷.

A base da formação de um leitor poético está sempre relacionada ao questionar, se houver um fim neste movimento rítmico e criativo, ao olharmos para o desenho de uma criança, não conseguiremos enxergar a jibóia engolindo a fera, perderemos a capacidade de sentir medo, de nos assustar, pasmar ou encantar, e tudo o que enxergaremos serão chapéus, como bem ilustrou Antoine Saint Exupery (2001) em seu *Pequeno Príncipe*. Não deve haver cansaço nesta tarefa, nem paralisia, mas a dança do questionar deve ser provocada sempre que se suspeitar que a música esteja para acabar. É preciso sempre se lembrar da “eterna criança” (PESSOA, 2001) e pedir para ela nos acompanhar com seus porquês. Pois quem não se tornar como um desses pequeninos não herdará o Reino dos céus.

Considerações finais

Promover a angústia no ato de ler, pensar espaços e dinâmicas para os exercícios da interpretação e do questionar na formação de leitores já é um caminho para uma educação poética. São muitos os caminhos, por isso, não ousamos dizer “Eu sou o caminho” João (14:6), No entanto, distante é a pretensão de esgotar neste simples trabalho uma discussão tão complexa. No entanto, estima-se que as discussões elencadas aqui de alguma forma possam contribuir para provocar e fomentar entre os sujeitos envolvidos no processo de formação de leitores a curiosidade e o interesse pela temática aqui problematizada.

Gostaríamos de com este modesto escrito, mesmo que infimamente, contribuir com a formação de docentes, discentes e seres humanos como formadores de leitores poéticos. Que possamos mostrar às nossas crianças e jovens que o lugar das questões é fora, e não dentro de uma bolsa amarela.

Referências

- BLOOM, Harold. *Como e porque ler?* Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. Ilustrações Marie Louise Nery – 33. Ed. – 6ª reimpr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.
- CADERMATORI, Lígia. *O que é Literatura infantil?* São Paulo: Brasiliense, 2010.

⁷ Episódio bíblico onde Jesus, reunido com seus três discípulos mais chegados (Pedro, Tiago e João) em um monte na Galiléia para orar, de repente começar a emanar um brilho de seu corpo, fazendo surgir dois personagens lendários da literatura judaica, Moisés e Elias.

CASTRO, Manuel Antônio de. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

_____. *O acontecer poético*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. *O Pequeno Príncipe*. 48 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

FERRAZ, Antônio Máximo. O homem e a interpretação: da escuta do destino à liberdade. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *O Educar Poético*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 2014.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *Caminhos de Floresta*. Tradução de Irene Borges Duarte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

_____. *Poesia Alberto Caetano*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: Tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2007.

LAJOLO, Marisa. *Destino em aberto*. São Paulo: Ática, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Volume II. Biblioteca Luso-Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Guilar, 1994.

SOARES, Magda. Ler, verbo transitivo. In: Aparecida et al. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2005.

Artigo recebido em: 01/02/17

Artigo aceito em: 28/02/17